

Mulher Prodigiosa: Na Poética das Pedras

Marta Bonach Gomes¹
Maria de Fátima Gonçalves Lima²

Resumo

A presente investigação enseja o surgimento da manifestação cultural legítima da poesia estadual e nacional. Nesse sentido, uma simples mirada em textos é suficiente no que tange à história da Literatura que parte da performance do eu-lírico nos textos (obra) de Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985). Isso possibilitou resgatar e incorporar os escritos da autora, que deixou uma espécie de diário íntimo com textos e poemas em prosa. Aprofundaremos nas análises de seu universo simbólico em sua obra Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais 2014, esses estudos contemplam tanto o resgate de obras publicadas, quanto a investigação da escrita feminina, revelando como sua criação poética, uma inovação estética que aponta para além do tempo, associa-se com uma educação do imaginário, que utiliza a agregação dos saberes examinando a gênese em prosa e verso no sentido pleno do texto, que será preservado no nível da memória e da sensibilidade, filtrada no olhar de hoje desde sua produção, até suas particularidades e suas complexidades no campo da poesia que enriquece a literatura brasileira. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar um estudo sob a produção artística, estética e analítica da singularidade dos poemas coralíneos, a partir da construção escrita de seus textos poéticos e sob o viés do movimento constante de atração pelo espaço rememorado (BACHELARD, 1989). Dessa forma, a carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil, que enaltece os ermos goianos, a antiga capital de Goiás, com suas pedras, seus becos e estórias mais. Serão enaltecidos e caracterizados como a fortuna crítica e poética da autora da cidade de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, Prosa, Imaginário, Memória, Cora Coralina.

1

Graduada em Pedagogia (UFG), Mestre em Letras e Crítica Literária (PUC-GO) marthabonach@gmail.com

2. Professora Dra. em Letras- Universidade Estadual de São Paulo, Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/ Rio (2009), Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC SP (2014).

Introdução

A pertinência em conhecer e sistematizar as peculiaridades do discurso de Cora Coralina², instiga-nos produzir esse artigo, baseado em seus escritos que faz entrar em estado de poética, emoções corpóreas que motivam o estado de sensações de seu texto no sentido genuíno da poetisa que brotou em Goiás, que reúne em sua obra, literatura, verso livre, memória, imaginário e natureza que a eleva a vastidão do Cosmos, fazendo com que ela se confunda com o todo e com tudo que compõe a universalidade de sua escritura.

O tema poético, confessional de autoria feminina e a perspectiva da história literária: divagações e confissões, poéticas e telúricas, hodiernamente, tem sido determinado a partir da força de significação feminino e da força imaginária dos objetos que permeiam a cidade, esse tema, primeiramente não atrai atenção para si mesmo e, em consequência narra o interior da mulher escritora no interior, afirmamos que ele seja um símbolo.

Nenhum artista se coloca a margem das evoluções dos fenômenos culturais, a arte é a mediadora entre a abstração da ciência e a sensibilidade humana. Embora a produção desse trabalho não seja refletir sobre essas complexidades.

Registraremos algumas considerações emergentes, considerando os estudos advindos de áreas que produzem a percepção da significação das coisas existentes em forma poética, no caso inicial um prelúdio artístico que contém uma explosão de desafios.

Tal consideração nos permite que enfoquemos, sob o ângulo especial, as obras poéticas de Cora Coralina, a partir de sua técnica inovadora de seus poemas de versos livres ligados a natureza, sempre modernos e eternos.

Nota-se então que a palavra é a primeira matéria da poesia coralínea, decerto a arte da poetisa é saber lidar com ela, optando, dentre as mais variadas composições que o conjunto de vocábulos lhe oferece, aquelas que possuem valor por si mesmas, em termos de se colocar de maneira primária às particularidades que tocam o espírito humano.

Daí a preocupação do leitor deva ser, inerente, encontrar nas palavras todos os significados e sugestões que elas possam ofertar, no vocábulo da palavra, nome, e termo, que se possam ser capturadas como sinônimos sobre o caráter imaginário interiorano, simples, dedicado a um leitor sensível em relação a sensibilidade mágica de Cora Coralina.

A poesia narrativa da poetisa pinta quadros na memória e parte do que se imagina. A linguagem humana nos textos escritos coralíneos, ancorados na experiência, cujos ingredientes misturaram seus atentos olhares às insignificâncias do cotidiano, do próprio espaço à polifonia de múltiplas vozes que enaltece seus textos, a literatura (popular), que por vezes nos reforça o poder de uma força vinda de uma ambiência tradicionalmente goiana, uma moldura da gente e da terra de Goiás.

Assim, a poetisa traça o encantamento entre o eu poético e a obra, pois teve a grandeza e lucidez para dizer em seus versos (a chave para a compreensão de sua obra/vida) que trazia dentro de si todas as vidas do universo: mulher do povo, doceira, cabocla velha que lavava suas roupas no rio vermelho... sonhou, amou, fugiu, fez doce, voltou e fez poesia.

² **Cora Coralina**, pseudônimo de **Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas** (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889— Goiânia, 10 de abril de 1985), foi poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade.

Abstract

This investigation leads to the analysis of Cora Coralina's *Poemas dos Becos de Goiás and Estórias Mais* (2014). Memory and sensibility are the basic elements explored. The basic theoretical approach used in this analysis is represented by concepts related to the work of Bachelard's *Poetics of Space*. Neoclassic elements are evoked by nature and herds. Together, they intermingle female poetic language.

Key words: poetry, Prose, Imaginary, Memory, Cora Coralina.

Ocorre-nos, a propósito, registrar que Cora Coralina saiu da Cidade de Goiás “Goiás Velho”, antiga capital do Estado, em 1910, com idade de 21 anos, quarenta e cinco anos depois (em 1956) após viver no interior de São Paulo (em Andradina e Jaboticabal) e constituir família, retornou sozinha a Cidade de Goiás, já nos seus setenta anos e sem livro publicado. Assim o que escreveu por lá não foi divulgado.

Nesse ambiente, evidencia sem poesia: “*Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando minha gente*”. [Voltei] do livro *Vintém de cobre* (UFG,1983); Cora, volta e expressa amor a sua terra, seu jeito goiano e canta o amor de Aninha a sua cidade; tornando-se então não só a mulher mais importante do Brasil Central e porque não? – de toda a literatura feminina do Brasil.

Enclausurada nas paredes centenárias em seu silencioso recolhimento na Casa Velha da ponte, Cora entregou-se à poesia, acolhida pela lembrança e cercada pelas pedras e o rio vermelho que corria mansamente, como o sangue em suas veias.

Nesse sentido, Bachelard nos antecipa: *A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa.* (BACHELARD. 1989 p. 36)

A escritora voltou a sua cidade de Goiás e começou a sua prosa em tema telúrico, lírico e poético, conquistou a literatura feminina em goiás, tudo isso com humana humildade em sua passagem pelo planeta.

O tema poiético, em movimento de Cora Coralina, transitou quase meio século de vida, escreveu, declamou, militou a favor da natureza, dispôs-se a fornecer pistas ou abrir portas para uma espécie de paradigma (de estilo, de produção, de localismo cultural, etc.) Se considerarmos a obra publicada já na fase de sua velhice.

Necessita, pois, uma crítica histórica de (re) construção descritiva da obra, através de uma análise crítica favorecendo seus escritos, mesmo que tenha acontecido pelo caminho de Cora, pedras, conflitos, dramas sociais, contados pela contista goiana, onde ela soube retirar a matéria, dos seus trabalhos mais autênticos, que envolvem memória em prosa e poesia, “uma moldura de terra-mãe de Coralina”, consideramos que habitava em si o lirismo e humanismo.

EXPRESSIVIDADE EM MOVIMENTO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Entende-se por pós-moderno, como lugar da consciência, do pluralismo de todos os tipos (religiosos, étnicos, sexuais, artísticos, políticos, culturais...), da cultura híbrida, do verso livre, da ruptura, da reflexividade.

Das lições de Cora, que rompe com o romantismo de rimas e métricas e se lança para uma poesia de improviso, onde o lirismo e as verdades humanas universais nos apontam para um mundo que há de vir. Consequentemente ela nos abre as portas da casa velha da ponte, e nos sugere que a arte não se encontra seu termo no mundo fechado da tecnologia; existe continuidade nesse caminho-poesia.

Poderíamos apresentar aos poucos, cada verso, cada conto, pois é justamente o novo saber da arte que desponta no horizonte coralíneo. Elegemos o primeiro livro de Cora para homenageá-la nesse discurso: em 1965, Poema dos Becos de Goiás e Estórias mais, pela Editora José Olímpio, [onde trabalhou entregando livros] e foi reconhecida a ponto de publicar seu primeiro livro.

Foi ganhando várias edições, universalizando a literatura com tamanha força feminina e expressividade telúrica e lírica, que a escritora expõe sua natureza, não parte da natureza, a partir da exclusividade do registro de sujeito da cultura que ela mesma construiu e nos presenteou.

Acrescentaríamos coralineamente que a razão dessa busca, encontra-se talvez, no próprio destino.

Outro ponto de contato com a tardia introdução de Cora no mundo da literatura, de seus planos literários, seriam a força poética com que dirige seus sentimentos do passado presente cujas dimensões estão para o pertencer da verdade que acontece na obra. A propósito, escreve Heidegger (1976): “*A essência da verdade se desvelou como liberdade.*”

Nessa perspectiva, o texto é livre e sobretudo, a sua simplicidade de leitura é agradável, com detalhes típicos do fazer literário com expressividade lírica de um tempo social e individual entre a palavra e o humano sem fronteiras.

Assim, a valorização da poetisa do interior goiano ressalta os valores imaginários de forma simples e contundente a que se reflita no sentido telúrico, porque adapta, cria e recria naturalmente os textos escritos que se cruzam na poesia ao reproduzir a linguagem bruta do interior goiano, encontrando o melhor de sua expressão artística.

“Despojada, Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
Eu fui caminhando, caminhando.../
E nas pedras rudes do meu berço
Gravei poemas”
(Semente e fruto. Denófrio 2004, p.242)

Cora nos permite essa reflexão pelo frescor de sua narrativa escrita que aborda desde a leitura mais apurada, até a identidade do sujeito lírico, a reflexão cuja missão é, desde os atos mais rotineiros, até o gosto pelo literário que se expande em sua poética, uma vez que torna possível mergulhar na complexidade da estética e na semântica que são colhidos nos versos da poetisa goiana.

A chave para a compreensão dos textos coralíneos, a ideia, muito permeada de emoções domésticas que sugere a figura da artista, cuja obra é uma realidade de existência no Brasil interior, definida como um dom, não somente pela gratuidade que a ficção proporciona, mas pela reflexão que é apreendida no frescor de seus versos poéticos.

Cora Coralina representa a sua vida. Desentranhando-se a descoberta no transcurso da pesquisa, no que se deva registrar a circularidade da sensibilidade humana e do cultural.

Poetisa mensageira da liberdade e o que interessa em nossos propósitos, seus poemas, as estórias como ser humano e vivo, *em segunda pessoa, como se estivesse conversando com ela. Na verdade, é como se a Aninha dos 15 anos estivesse dizendo a Cora Coralina dos setenta.* (Gilberto, 2017) quando ela se expressa; permite ao leitor discernir a sua essência:

“Das Pedras”

Ajuntei todas as **pedras**
que **vieram sobre mim.** [grifo nosso]
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um **companheiro.**
Tudo de pedra. [grifo nosso]

Entre **pedras**
cresceu a minha **poesia.**
Minha **vida...**
Quebrando **pedras**
e plantando **flores.** [grifo nosso]

Entre pedras que me esmagavam
Levantei **a pedra rude**
dos **meus versos.** [grifos nosso]

(Meu Livro de *Cordel. Coralina*, Cora. Ed Global, p. 13, 1987)

Toda pintura que a história registra, bem poderia se servir das imagens em construção descritiva nesses versos das pedras. A pedras de Cora se diferenciam a cada verso, nos entalhes e detalhes, que se encontram nos vãos e no interior da palavra, justificam as possibilidades de desprender-se das provocações do caminho.

Assim se explica o caminho positivo de retorno ao passado. Nesse contexto de reflexão, focalizaremos, o círculo descrito pelo próprio trajeto de Cora Coralina.

Partindo de um universo mais remoto, alcança-se agora o mais próximo, com as marcas de um corpo lírico lanhado, que assume o saldo de sua própria escolha, tentando reverter ou, ao menos, compensar as suas agruras com as

flores-poemas. *Pedra e flor*, sobretudo a primeira, são

palavras tão recorrentes quanto simbólicas no texto de Cora Coralina. A palavra pedra, no singular, no plural ou em formas parassinônimas, comparece 86 vezes em sua obra lírica publicada. Isto sem falar de sua recidência na prosa, nas entrevistas e em falas gravadas. Chegou a dizer que em sua poesia só havia pedra. (Denófrío. 2004, p.11)

São poemas que revelam e apreendem o ato de preocupação humano e social da autora. Através de uma análise crítica no intuito de identificar as complexidades da estrutura textual, voltaremos à questão da continuidade do jogo pictórico, através da história, o movimento da forma e da emoção na poesia, aproximam das dimensões mais sensíveis da vida permeando nossas concepções referenciais nos caminhos produtivos da voz poética.

Assim se explica o caminho de retorno ao passado em força originária de reinterpretação da palavra, no intuito positivo da caminhante poetisa nessa pesquisa.

Os recursos textuais em forma de metáforas em sua escritura feminina impregnada de lembranças, se diferenciando pela linguagem, a técnica, os conflitos e dramas sociais.

A busca de diferentes formas e imagens descritos na obra, cria impressões do que foi completamente vivido, para se reconhecer e se constituir como sujeito de sua história.

Considerações Finais

Ao longo deste texto, cuja intenção primeira foi aproximar poesia e imagens, percebemos a estratégia para pautar a inquietude que a poesia tem poder nas manifestações artísticas, o que a arte está solicitando de seu contemplador, as vezes as coisas se confundem e necessita de nosso mergulho em sua obra, Cora Coralina soube retirar da matéria, os seus trabalhos mais autênticos, que envolvem o cunho específico, reunião de linguagens, tempos e espaços.

Se considerarmos que se entende na palavra versada da poetisa do Planalto Central, as veredas que se aproximam das dimensões mais sensíveis da vida e rompem com a tradição e confirma movimento circular sugerindo a possibilidade em associar poesia à autobiografia de Cora, a partir de um período histórico social à condição humana da poetisa, apresenta uma viagem pelas épocas que circulam por espaços diferentes. Portanto, reina nesse contexto a ambiguidade entre prosa e poesia, a contemplação e o uso do que lhe é próprio e parte do princípio de dona da eternidade - e não lhe impeçam o seu direito ao sonho.

Referências

Poética, Lírica e Imaginário

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fonte, 1998.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Martins Fontes. São Paulo, 1989. (A primeira edição é de 1957)

BERGSON, Henri. *Matéria e memória; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BILAC, Olavo, PASSOS, Guimarães. *Tratado de Versificação* Rio de Janeiro: 1905 Editoração Eletrônica.

BOSI, Ecléia. 1987. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz. In: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, 1977.

CAMPOS, Maria José Rago. *Arte e Verdade*. São Paulo: Loyola, 1992.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo. Jose Olympio, 1965.

_____. *Vila Boa De Goyaz*. São Paulo: Global Editora, 2000.

_____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo. José Olympio, 2014

_____. *Vintém de Cobre*. São Paulo: Global Editora, 2013.

_____. *Tesouro da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 2000

_____. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global, 1987.

DENÓFRIO, Darcy França. *Cora Coralina*. São Paulo: Global, 2004.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Levié. Rio de Janeiro: DIFEL. 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PAZ, Octavio. *O arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1982.

TELES, José Mendonça. *No santuário de Cora Coralina*. 3 Kelps. Ed Goiânia. 2003.

_____. *A Escrituração da Escrita*. Editora Vozes

_____. *Retórica do Silêncio I: Teoria e Prática do Texto Literário*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989

Ensaio publicados (Livros), artigos apresentados

BONACH, Martha. *Poética das Pedras*. Rio de Janeiro: Bonecker. 2018

_____. *Entardecer Poético de Cora Coralina*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

GOMES, Martha Bonach. *Voz da Poesia de Cora Coralina*. Abralic: p 150, 2017.

Outros Livros e artigos consultados: Crítica, Estética e Teoria da Arte

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva S.A 1987

BENJAMIM, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CAMPOS, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977

COSTA LIMA, Luiz. *O controle do Imaginário*. São Paulo: brasiliense, 1984.